Artigo VI

Alfabetização Como Prática de Cultura

Elvira Souza Lima[1]

Resumo

Descolar a escrita de sua natureza cultural, excluindo-a da condição mais ampla de prática de cultura, é uma das principais razões pelas quais a escola vem fracassando em seu trabalho de alfabetização de todos. Para as crianças e jovens das classes populares há um descompasso simbólico muito grande entre suas práticas culturais e o arcabouço cultural da instituição escolar. A cultura deve ser pensada como constitutiva da espécie e, portanto, é preciso formular uma prática pedagógica que atenda a esta dimensão essencial do ser humano. Se isso não for feito, os alunos continuarão não aprendendo a ler e escrever.

Palavras-chave

Alfabetização – cultura – contexto escolar – prática pedagógica – função simbólica – perspectiva interdisciplinar.

Abstract

Unattech the writting from it´s cultural nature, excluding it from the much wider, condition of the culture practive, it´s on of the main reasons through which school has been failiny to do it´s chuty of alfabetizing everyone for children and young people of the popular classes. There's a giant symbolic sibling between it's cultural practice and the cultural prison of school or institution. The culture must be know as a port of a species and, furthermore, it is essencial to formulat a pedagogia practice which atends this essencial dimension of the human being. If that is not acomplished, the student will not learning to read and write.

Key Words

Alfabetizing – culture – scholar context – pedagogie pratice – symbolic function and interdisciplinar perspective.

[1] Pós-doutorado em Psicologia, University of New Jersey; Pós-doutorado em Sócio-lingüística e Antropologia, Stanford University, é antropóloga e psicóloga, consultora internacional em educação, presta serviço a Secretarias Municipais de Educação.

Introdução

Tema polêmico, a alfabetização vem suscitando os mais variados posicionamentos na sociedade contemporânea, seja em nosso país, em virtude das demandas de escolarização da população brasileira, seja em virtude dos complicados obstáculos que enfrentamos na real socialização dos conhecimentos da linguagem escrita, e não apenas no Brasil. Os resultados de avaliações nacionais e internacionais deixam a sensação de impotência frente a um processo de escolarização, que revela que, tanto o ensino como a aprendizagem dos conhecimento escolares, estão longe de produzir no educando os efeitos mínimos esperados de um processo de escolarização prolongado.

As crianças estão nas escolas, aumentou, sim, o efetivo do alunado, mas as crianças estão aprendendo? Os jovens estão se apropriando dos conhecimentos escolares? O que de fato acontece atualmente nos coletivos escolares? Qual é a aprendizagem real de leitura e de escrita?

Para compreender os entraves que impedem a apropriação da escrita no recinto escolar é necessário ampliar as categorias utilizadas para estudar a questão da alfabetização, incluindo áreas do conhecimento humano que se ocupam do estudo do ser humano e da escrita propriamente dita, algumas delas totalmente ignoradas na abordagem do tema. Neste texto, trazemos alguns aspectos da dimensão cultural e histórica da escrita segundo as contribuições trazidas pela arqueologia e história articuladas com o desenvolvimento humano, visto de uma perspectiva interdisciplinar, que agrega conhecimentos da neurociências, antropologia e psicologia.

I. A escrita – produto da evolução cultural da espécie humana

A escrita é um produto da cultura humana em sua dimensão simbólica, ou seja, a linguagem escrita é uma das manifestações da capacidade humana de simbolizar, de trabalhar com símbolos e significados e de produzir sistemas de comunicação que são constituídos por símbolos e servem à construção de significados e à comunicação de significados.

O ser humano tem uma longa história na sua busca de registrar suas percepções e vivências. Cavernas e sítios arqueológicos de 20 a 30 mil anos atrás, em várias regiões do mundo revelam que as realizações gráficas em suportes naturais mobilizaram nossos ancestrais e faziam parte de sua vida cotidiana.

Os desenhos mais antigos mostram o domínio da linha, da linha cur-

va, da reta e dos ângulos. Muitos destes acervos revelam, também, a construção de narrativas. Não são apenas elementos isolados, desenhos que meramente reproduziam determinados elementos da vida naquela época, como animais e elementos da natureza.

Há, geralmente, uma composição que congrega e entrelaça elementos em uma narrativa. São evidências da capacidade simbólica do ser humano, da possibilidade de representar suas percepções com símbolos, o que supõe, já, formas complexas de memória. Milênios separam estas manifestações das primeiras formas de escrita surgidas na Mesopotâmia. As descobertas arqueológicas feitas até o momento apontam o período entre o segundo e terceiro milênios antes de Cristo como a época do surgimento das primeiras formas de escrita. Os povos sumério, egípcio e chinês estão entre os primeiros a formularem complexos sistemas de símbolos organizados. Cada língua surge com uma sintaxe própria. A sintaxe é a estrutura que organiza e sinaliza o encadeamento dos significados de forma a comunicar idéias, informações, conhecimentos, impressões, opiniões entre os seres humanos. Segundo alguns neurocientistas, o que difere o ser humano de outros primatas é que nossa espécie desenvolve efetivamente a sintaxe, o que permite a organização do pensamento em inúmeras formas, inclusive, situadas no tempo e no espaço.

A escrita surge, então, como resultado de um longo processo de criação de representações na espécie humana, com finalidade tanto de registrar fatos, eventos, transações, idéias, como de propor formas de relação humana.

II. A aprendizagem da escrita

A escrita é um produto da cultura humana. Ela depende materialmente de um suporte e de um instrumento que "marque" algo neste suporte. A escrita é um produto da capacidade humana de simbolizar, assim ela depende, inicialmente, para sua aquisição do desenvolvimento da função simbólica. É condição fundamental entender o processo de desenvolvimento da função simbólica em cada período de formação humana.

Da tablita de barro e estilete utilizados no início da história da escrita aos instrumentos atuais mais comuns – lápis e papel – os seres humanos criaram ao longo dos milênios de existência da escrita diferentes instrumentos e materiais que constituem, a cada período histórico, uma forma cultural de produzir a materialidade da escrita.

O uso básico de um aparato material de (e para a) escrita supõe uma aprendizagem. Por exemplo, segurar o lápis, construir com este lápis os movimentos necessários para produzir imagens no papel que correspondam às formas convencionais das letras, desenvolver a pressão adequada para que o traço saia sem quebrar a ponta do lápis ou danificar o suporte, são coisas a serem aprendidas. Muitas crianças, que não aprendem a escrever, tem dificuldades porque não tiveram o tempo e a tranqüilidade em sala de aula para se apropriar dos instrumentos de escrita.

A perspectiva interdisciplinar em que se situa hoje o estudo da linguagem, corrobora a abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano, segundo a qual o processo de aquisição da escrita é de natureza biológica e cultural (abordagem esta explicitada, principalmente, por Vygotsky e Wallon).

Os conhecimentos atuais apontam para o desenvolvimento do cérebro como função do contexto, desta forma a cultura passou a ser entendida como um dos eixos do desenvolvimento humano, uma vez que a efetivação das possibilidades biológicas está diretamente relacionada às vivências que o indivíduo realiza em seu contexto.

Estas vivências dependem tanto do que se oferece como possibilidade de desenvolvimento neste contexto, historicamente falando, como também da mediação disponibilizada a cada ser humano pelo seu grupo ou comunidade.

A arqueologia, a história, a antropologia e a lingüística nos trazem atualmente uma visão ampliada da língua escrita como produto da cultura humana, enquanto que a biologia e as neurociências nos revelam muito dos processos biológicos envolvidos na relação do ser humano com a escrita.

Assim, o ser humano, ao aprender a escrever, recria um processo de construção cultural: a escrita é produção social, mas é, igualmente, uma realização individual.

Para tanto a criança precisa dominar e articular a graficidade da escrita (ou seja, tudo aquilo que faz com que a escrita seja um registro gráfico em um suporte) com a construção de significado, comunicação de idéias, os vários elementos e estruturas lingüísticas, entre elas, de fundamental importância, a sintaxe.

A aprendizagem da leitura e a aprendizagem da escrita são processos complexos de desenvolvimento cultural. Embora estas aprendizagens apresentem relações entre si, elas guardam as suas especificidades e dependem de ações diferenciadas para que possam ser realizadas. A experiência emocional da atividade de escrever e de ler e os aspectos antropológicos da escrita como prática social desenvolvida na escola são igualmente

constitutivos do ato de escrever e de ler.

III – A natureza biológica e cultural do desenvolvimento humano e a escrita

A alfabetização, em qualquer idade, é o resultado de uma prática de cultura, também, se olharmos do ponto de vista evolutivo da espécie. Sabemos hoje que o desenvolvimento humano acontece por uma integração dialética entre o organismo e o contexto. Os parâmetros do desenvolvimento são estabelecidos pela genética da espécie, várias realizações vão ocorrer na vida de todos os seres humanos, independentemente do momento histórico, das condições de vida, porque há uma possibilidade genética para tal: possibilidade inscrita na herança genética da espécie. É o caso da comunicação pela linguagem oral. Nós temos a possibilidade genética de construir um sistema simbólico complexo utilizando o aparelho fonador com sua sonorização, ou utilizando o movimento: a fala ou a linguagem de sinais. A efetivação de outras realizações humanas dependerá do contexto, são realizações possibilitadas pela cultura, como é o caso da aquisição dos sistemas simbólicos como a escrita, a música, a matemática.

Escrever é um ato individual, de expressão da pessoa que se coloca como tal na expressão gráfica, na composição sintática, na elaboração simbólica, na escolha das palavras e no recurso à imaginação. A escrita da pessoa é uma manifestação de sua dimensão cultural, portanto, de sua identidade, de sua corporeidade e de suas memórias.

Aprender a escrever é, portanto, mobilizar, movimentar e modificar estas dimensões do ser humano. Escrever é uma afirmação cultural do sujeito.

Embora o sistema organizado da escrita seja o mesmo para todos, o uso que se faz dele é resultado, também, de um percurso de vida individual. A finalidade da escrita tem duas facetas importantes: a da expressão de si e a comunicação com o outro. Na esfera da expressão de si, temos incluída, também, a comunicação consigo mesmo. Nesta perspectiva, a escrita serve como instrumento da consciência.

IV – A escolarização da alfabetização

A alfabetização, processo de adquirir a linguagem escrita, se dá principalmente na escola. Ela se insere, portanto, no contexto de escolarização, sendo marcada pela história da instituição escolar.

A escola surge na história da humanidade em um passado relativamente recente, quando consideramos os milênios da evolução humana. A escola surge como conseqüência do desenvolvimento cultural da espécie: ela se configura desde o início como um espaço privilegiado no cotidiano quando as práticas políticas, econômicas e culturais atingiram um grau de complexidade tal que os comportamentos da vida cotidiana já não eram suficientes para desenvolver, nos jovens membros da espécie, os conhecimentos necessários para garantir a continuidade da espécie.

Com a escola surgiu para a espécie humana, uma ampliação significativa das possibilidades de desenvolvimento e de criação. Do ponto de vista político, a escola, dedicada desde seu início ao ensino da escrita e da matemática, também se configurou como uma arena de confronto social, na qual a posse da informação e do conhecimento definem posições de poder na sociedade. A posse do conhecimento sempre esteve ligada na história do homem à posse de bens e à subjugação de grupos humanos a outros.

A escola também sempre se caracterizou por ser um espaço de encontro de gerações: nela o adulto da espécie interage com o jovem, com experiências e formas de pensamento distintas. A partir de um certo momento, a escola passa a ser um espaço muito marcado pelo encontro de classes sociais e de experiências culturais distintas.

A escola é, igualmente, um espaço de cultura. Nela acontecem inúmeras atividades de natureza cultural. A escola se rege por princípios nitidamente resultantes do percurso histórico e, por assim ser, ela tem um papel fundamental no desenvolvimento cultural das novas gerações, embora esta dimensão da escola, ainda que algumas vezes reconhecida (de modo demasiado vago e geral), efetivamente passa quase despercebida no que diz respeito ao conhecimento e ao desenvolvimento da prática escolar. No entanto, é no cotidiano da vida escolar que são passadas às crianças as concepções e os parâmetros para sua identidade e compreensão de si mesma como parte de uma organização mais ampla.

Pensamos muito a escola como um espaço de desenvolvimento do conhecimento, centrado principalmente nas capacidades "intelectuais". Estas capacidades, no entanto, não se formam independentemente das práticas de cultura, da apropriação dos sistemas simbólicos, da totalidade efetiva das capacidades e da experiência dos indivíduos, incluindo a experiência emocional. Todo processo de educação escolar é caracterizado por um diálogo integrado entre o ser da espécie com a cultura. Este desenvolvimento tem, portanto, uma dimensão histórica, uma vez que a criação humana transforma continuamente os instrumentos culturais, a ciência, as artes

em todas suas formas e a própria vida cotidiana.

Para alfabetizar na escola é necessário levar em consideração que o processo de alfabetização é constituído, também, do contexto escolar com estas características apontadas acima.

V – Alfabetização na escola

As dificuldades para se alfabetizar na escola são causadas, em parte, pelo equívoco no próprio entendimento do processo de alfabetização. De modo geral, a aprendizagem da linguagem escrita se coloca como uma realização cognitiva que se produz segundo passos determinados. Ou seja, criada fora da escola, a escrita na escola passou, historicamente, por um processo de escolarização: a escrita é tratada, na escola, como um objeto de ação pedagógica. Nesta perspectiva, a escrita encontra sua significação no próprio contexto da escola. Tanto é que a escrita é ensinada e avaliada segundo os objetivos da escola, não necessariamente segundo o papel que ela desempenha na formação humana dos que nela se encontram, alunos e professores.

A importância da escrita para os seres humanos vai além da escolarização. Como produto da cultura, a aprendizagem da escrita reflete no exercício das funções psicológicas superiores e da própria função simbólica. Entender e respeitar as especificidades da organização e funcionamento da função simbólica a cada período de formação deveria ser uma das bases principais na ação educativa na escola.

A alfabetização envolve dois processos interligados, mas que tem suas especificidades, a leitura e a escrita A linguagem escrita, sendo um sistema simbólico, envolve em sua aprendizagem, tanto para a leitura como para a escrita, a função simbólica.

Também, como todo processo de aprendizagem, envolve as funções psicológicas da memória, percepção, atenção e imaginação. Sendo um produto da cultura, toda interação do indivíduo com a escrita é também uma atividade de cultura.

VI – Alfabetização e a não aprendizagem da leitura e escrita na escola

Para entender o que acontece quando o aluno não aprende a ler e a escrever é preciso considerar, primeiramente, que a escrita é um produto da evolução histórico-cultural da humanidade, é um sistema organizado e que, portanto, para adquiri-lo a pessoa precisa compreender a organização deste sistema. Sendo a escrita uma prática de cultura, temos, também, que vários fatores de ordem cultural participam deste processo de aprendizagem da escrita. Do ponto de vista do sujeito que aprende, temos que o desenvolvimento humano é de natureza biológica e cultural, portanto os períodos do desenvolvimento humano determinam diferentes formas de abordar o ensino da escrita. Além disso, sabemos hoje que, do ponto de vista biológico, há uma grande complexidade na forma pela qual o cérebro processa a linguagem, com áreas de especialização para as diferentes dimensões da linguagem.

A partir do exposto acima temos, então, que, quando um aluno não aprende a ler ou a escrever, ou ambos, é preciso levar em consideração o educando, seu período de desenvolvimento, o professor, a qualidade da mediação realizada por ele, a sua formação profissional, a escola, o conhecimento, a cultura, a prática pedagógica e a dinâmica dos processos que acontecem na sala de aula, o momento histórico em que ocorre o ensino-aprendizagem.

É importante salientar que falar, ler e escrever, embora sejam realizações humanas relacionadas, são de natureza distinta. Falar é possível pela genética da espécie humana e o desenvolvimento da fala é uma construção social a partir desta possibilidade genética. O ser humano é capaz de desenvolver esta potencialidade de comunicação pela oralidade, ou seja, pelo som (fala) ou pelo movimento, no caso dos sistemas de linguagem de sinais.

A escrita, por sua vez, sendo um produto cultural depende do ensino intencional e organizado, não se realiza através da herança genética, como acontece com a fala e linguagem de sinais. É sabido que o indivíduo que fala uma língua não sabe lê-la ou escrevê-la a menos que passe por um processo de ensino específico para cada uma destas atividades (apud Lima, Quando a criança não aprende a ler e a escrever).

Descolar a escrita de sua natureza cultural, ou seja ensinar a escrita como um produto da escolarização, excluindo a sua condição mais ampla de prática de cultura, é uma das razões principais pelas quais a escola vem fracassando no seu trabalho de alfabetizar a todos.

A idéia de que a escola veicula, principalmente, valores da classe dominante é, sem dúvida, uma idéia muito debatida e explicitada na literatura sobre educação, sociologia e política. Mas as implicações do outro lado desta questão estão longe ainda de serem exploradas em toda sua significação: para as crianças e jovens das classes populares há um descompasso

cação: para as crianças e jovens das classes populares há um descompasso simbólico muito grande entre suas práticas culturais e o arcabouço cultural da própria instituição escolar.

VII - Educação com brasilidade

Considerando o exposto, ou seja, que os conhecimentos escolares são resultantes da evolução cultural da espécie humana e que os processos de desenvolvimento humano são de natureza e biológica e cultural, só podemos pensar em um projeto de educação nacional se nele for incluída a cultura como eixo presente na concepção filosófica educacional, no currículo e nas práticas da escola e nas práticas que envolvam a escola com a comunidade.

A cultura não pode ser entendida apenas como uma categoria geral que perpassa áreas do conhecimento, pois esta é uma concepção marcada pelo desconhecimento de que a cultura é constitutiva da formação humana em suas várias dimensões, englobando tanto o conhecimento quanto a imaginação, a emoção, a ação, dimensões fundamentais daquilo que Wallon denominou "a vida de relações". É necessário pensar a cultura como constitutiva da espécie e, portanto, formular uma prática pedagógica que atenda a esta dimensão essencial do ser humano.

Uma vez que o domínio da escrita não é uma realização humana garantida unicamente pela herança genética da espécie, alfabetizar será, portanto, sempre uma aquisição cultural, um exercício da função simbólica e uma ação que depende da mediação do outro.

Lima, Elvira Souza. *Quando a criança não aprende a ler e a escrever.*
São Paulo: Ed. Sobradinho 107, 2002.

REVISTA DE EDUCAÇÃO AEC
Publicação Trimestral da
Associação de Educação Católica do Brasil

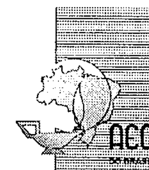
AEC DO BRASIL
SCL/N Quadra 102 - Bloco C - Sala 102
CEP 70722-530 - Brasília-DF - E-mail: geral@aecbrasil.org.br
Telefax: (0**61) 326-2992 / 326-8486
Internet: www.aecbrasil.org.br



Ano 32 – Nº 127 – abril/junho de 2003

LINGUAGEM E CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE

A Linguagem e a Aprendizagem



Associação de Educação
Católica do Brasil

Apoio

REDE
SALESIANA

